

A influência persa/aquemênida na religião judaíta

The Persian/Achaemenid influence on Judahites religion

José Ademar Kaefer ^[a] 

Curitiba, PR, Brasil

^[a] Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Como citar: KAEFER, José Ademar. A influência persa/aquemênida na religião judaíta. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 17, n. 03, p. 366-383, set./dez. 2025. DOI: [http://doi.org/10.7213/2175-1838.17.003.DS01](https://doi.org/10.7213/2175-1838.17.003.DS01)

Resumo

Esta pesquisa pretende mostrar como o imaginário religioso judaíta do pós-exílio babilônico sofreu grande influência da ideologia persa/aquemênida. Elencamos algumas influências mais relevantes: a mudança do conceito de Deus, de um Deus próximo, que caminha com o seu povo, para um Deus do céu, distante e inacessível, assim como o rei persa; a relevância dos anjos na importante função de intermediar o povo e Deus, que também terá uma corte, com seus conselheiros, assim como a corte persa; a mudança da função da Torá, de um conjunto de instruções, utilizada pelos pais para educar os filhos e pelos sacerdotes para orientar o povo, para um código de leis com o fim de julgar e punir, assim como a lei persa; a importância do fogo sagrado da religião persa para a manifestação de Deus; a importância de Ciro, o Grande, para o conceito de Messias, tanto no mundo judaico quanto no cristão; a similaridade entre a missão do sacerdote egípcio Udjahorresnet, a

^[a] Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP; Doutor em Sagradas Escrituras pela Westfälischen Wilhelms-Universität Münster, Alemanha; Estágio pós-doutoral no Departamento de Arqueologia da Universidade de Tel Aviv, Israel; Professor do PPGT PUCPR; Coordenador do grupo de pesquisa “Arqueologia do Antigo Oriente Próximo”; Editor da Revista RIBLA; Missionário da Congregação do Verbo Divino; e-mail: jose.kaefer@pucpr.br

serviço dos reis persas, e a missão do sacerdote e escriba Esdras. A metodologia a ser usada será a análise dos textos bíblicos, bem como as recentes pesquisas bíblicas e extrabíblicas.

Palavras-chave: Aquemênidas. Torá. Deus do céu. Anjos. Udjahorresnet.

Abstract

This research aims to show how the Judahites religious imagination of the post-Babylonian exile was greatly influenced by Persian/Achaemenid ideology. We outline some of the most relevant influences: the change in the concept of God, from a close God who walks with His people, to a distant and inaccessible God of heaven, similar to the Persian king; the relevance of angels in the important role of intermediating between the people and God, who will also have a court with its counselors, much like the Persian court; the change in the function of the Torah, from a set of instructions used by parents to educate their children and by priests to guide the people, to a code of laws aimed at judging and punishing, similar to Persian law; the importance of the sacred fire of Persian religion for the manifestation of God; the significance of Cyrus the Great for the concept of Messiah, both in the Jewish and Christian worlds; the similarity between the mission of the Egyptian priest Udjahorresnet, in service to the Persian kings, and the mission of the priest and scribe Ezra. The methodology to be used will be the analysis of biblical texts, as well as recent biblical and extrabiblical research.

Keywords: Achaemenids. Torah. God of heaven. Angels. Udjahorresnet.

Introdução

O tema da influência persa/aquemênida na formação do judaísmo tem dominado em grande parte a pesquisa bíblica recente. Ao contrário de anos anteriores, quando este tema esteve praticamente ausente na academia. A justificativa para esta ausência era a de que os persas não intervinham na religião local dos povos conquistados (Albertz, 1994, p. 437-533; Donner, 1997, p. 443-489). Por isso, não havia por que tratar desse assunto. Isso, em parte, é correto. Porém, a não imposição e, em muitos casos, inclusive, o incentivo e promoção do império para a religião local, não significa que a estrutura e ideologia imperial não servisse de inspiração para o desenvolvimento do imaginário religioso em construção, como é o caso do judaísmo. De maneira que é preciso começar a olhar a produção dos textos bíblicos dos períodos persa e helenista antigo também a partir deste viés.

Após uma breve introdução ao império persa, a dinastia aquemênida e os escritos de Behistun, iremos apresentar, ainda que de maneira muito geral, os aspectos que nos parecem os mais relevantes da influência persa/aquemênida. São eles: a mudança do conceito de Deus, de um Deus que caminha com seu povo para um Deus do céu, distante e inacessível; a mudança da função da Torá, de instrução para lei que pune; o papel da corte celestial, com seus anjos, inspirada na corte persa/aquemênida; a influência do fogo sagrado persa/aquemênida para a manifestação de Deus; a importância de Ciro no conceito de Messias; o paralelo entre a missão do sacerdote egípcio Udjahorresnet, a serviço dos reis persas, e a missão de Esdras.

O império persa: sua política e religião

É importante lembrar que o império persa/aquemênida foi o maior da história. Estendia-se desde o Vale do Indo até a Grécia e incluía três continentes, Ásia, África e Europa, ou seja, o coração do poder econômico e político de então. O império durou mais de duzentos anos, desde 559, com Ciro, o Grande, até 329, com Artaxerxes V (Eskenazi, 2023, p. 9-14). E chegou a ocupar um território de cerca de oito milhões de quilômetros quadrados (Potts, 2021, p. 13-26). Gerações e gerações só conheceram o império persa. As pessoas nasciam, viviam e morriam sob seu domínio. Por meio de seu exército, os braços do império chegavam em todo lugar. Ele, o exército, era sua força, seus ouvidos e sua ação. Pregava-se a ideologia de que todo o povo conquistado se tornava persa (Tavernier, 2021, p. 39-52; Rossi, 2021, p. 53-60). A língua oficial era o aramaico. De maneira que, é praticamente impossível que boa parte das lideranças locais, tanto políticas quanto religiosas, não tivessem admiração pelo modo de ser, administrar e crer do império.

A vastidão do império, contudo, ao mesmo tempo que demonstrava sua força, representava seu o tendão de Aquiles. A grande extensão do território era o maior empecilho para o controle do governo central. A divisão por regiões, com fortes poderes locais e regionais, que continuamente se rebelavam, foi o que levou o império à queda. Para controlar e reprimir as revoltas, que eclodiam em toda parte, era necessário que isso se desse logo no seu início, antes que a revolta se alastrasse. Para tanto, era imperativo um complexo e efetivo sistema de vigilância e informação, infiltrado em todas as instâncias. Com este fim, criou-se por todo império um sofisticado sistema postal viário, com um idioma oficial, o aramaico. Este sistema foi criado por Ciro e ampliado por Dario e seus sucessores. Sua função principal era a de manter o rei informado e controlar a região. É conhecida a famosa frase atribuída ao historiador grego, Heródoto, que diz que "não há nada no

“mundo que viaje mais rápido que esses mensageiros persas”.¹ Evidentemente, para o bom funcionamento do correio, era necessária uma ampla e sofisticada rede viária terrestres, com postos de controle, vigilância militar, fortalezas etc. (Henkelman; Jacobs, 2021, p. 719-736; Silverman, 2024, p. 123-162). Obviamente que a função da rede viária não se reduzia ao correio, mas visava principalmente a escoação de mercancias, transporte de tropas do exército, com todo seu aparato militar, coleta de impostos, controle comercial, entrepostos etc.

A religião oficial do império era o zoroastrismo (Boyce, 1982), que pregava a manutenção da ordem cósmica: verdade *versus* mentira, baseado nos ensinamentos de Zoroastro/Zaratustra (presentes no Avesta, livro sagrado do zoroastrismo), de cosmologia dualista, bem *versus* mal. Naturalmente, que do lado do bem estavam aqueles que se dobravam à ideologia do império e, do lado do mal, àqueles que se rebelavam contra ele.² Outra característica própria do zoroastrismo é o livre arbítrio, julgamento pós-morte, céu *versus* inferno, Satã, anjos etc. (Barnea, 2024, p. 1-34). Cada um é livre e responsável pela escolha entre o bem e o mal (obediência *versus* rebeldia). A divindade única (monoteísmo) é Ahura Mazda (Senhor da sabedoria, Deus criador), com uma identificação muito próxima com o rei imperial, o senhor do mundo.

A dinastia aquemênida

Pode-se dividir o império persa em dois períodos: o primeiro, que inclui os reis, Ciro, o Grande (559-530), Cambises (530-522) e Esmérdis/Bardia (522); e, o segundo, da dinastia aquemênida, que começa com Dario I e termina com Artaxerxes V, como veremos a seguir (Potts, 2023, p. 417-520).

- Dario I: 522-486
- Xerxes I: 486-465
- Artaxerxes I: 465-424
- Xerxes II: 424 [45 dias]
- Soguediano: 424-423 [6 meses]
- Dario II: 423-404
- *Disputa interna (Arsites, Parisátide, Bagapaios)
- Artaxerxes II: 404-359
- *Disputa interna (vários reis paralelos)
- Artaxerxes III: 359-338
- *Disputa interna
- Artaxerxes IV: 338-336
- *Disputa interna
- Dario III: 336-330
- Artaxerxes V: 330-329

Ainda que Dario I intentasse convencer seus súditos de que ele era descendente de Ciro, como se pode ver no escrito de Behistun, ele de fato não o era. É com ele, Dario, que começa em 522 AEC a grande dinastia

¹ https://www.iranchamber.com/history/achaeenids/royal_road.php. Acessado em 07/06/2025.

² Estamos aqui nos referindo ao zoroastrismo durante o domínio persa.

aquemênida e que irá até a derrota de Dario III em Issus, contra o exército grego, quando começa o reinado do macedônio, Alexandre, o Grande (329-323). É impressionante como foi possível a manutenção da linhagem por duzentos anos, sem interrupção. Apesar que, como se pode ver acima, quase sempre houvesse disputas internas pela sucessão após a morte de um rei.

Behistun

A maior e a mais antiga fonte sobre o reinado de Dario I e suas conquistas é a famosa inscrição de Behistun, na encosta dos montes Zagros. A Inscrição foi feita em três línguas diferentes: na parte superior, à esquerda, em babilônico; à direita, em elamita; e, abaixo, em persa antigo. O conjunto todo mede 18 metros de comprimento por 7 de altura. A data provável da composição é o ano de 520 AEC, ainda que houvesse um acréscimo, tanto do escrito, quanto da imagem talhada. Este particular se pode ver na composição final do texto, que consta de 112 linhas no babilônico, 414 no persa antigo e 593 no elamita (William; Campbell, 1907; Treuk, 2023, p. 1-35). O relevo talhado na pedra é muito claro. Dario I foi representado de pé com a mão direita levantada e o pé direito sobre um prisioneiro que pede clemência. Atrás dele, dois servos e, diante dele, nove prisioneiros enfileirados e amarrados pelas mãos e pelo pescoço. Acima de todos a figura de Ahura Mazda, abençoando o rei. O prisioneiro sob o pé de Dario se supõe ser o mago Gaumata, que, pelo escrito, era o seu mais odiado inimigo. Os nove prisioneiros de pé, conforme consta já perto do final do escrito, eram os reis rebeldes que ele subjugou: "Diz Dario, o rei: esses (são) os nove reis que eu capturei nessas batalhas" (Treuk, 2023, p. 24-25).

A narrativa quase toda gira em torno das vitórias de Dario sobre os líderes rebeldes que se levantaram contra ele em todo império. A vitória sempre se dá "pela vontade de Ahura Mazda", que é mencionado nada menos que 77 vezes. No fim do texto, chama a atenção a preocupação do rei com a preservação do escrito: quem a destruir, que seja amaldiçoado e que Ahura Mazda não lhe dê descendência. Quem a preservar e divulgar, que seja abençoado por Ahura Mazda. Talvez por isso a obra tenha sido preservada até hoje.

A mudança do conceito de Deus.

É importante lembrar que o judaísmo se formou depois do exílio da Babilônia, durante o domínio do império persa e helenista antigo. Portanto, sob a influência da ideologia do poderoso império persa/aquemênida. Para esta constatação, é preciso perceber a mudança que aconteceu no imaginário religioso em Judá/Israel antes do exílio para depois do exílio babilônico. Uma dessas mudanças é o conceito de Deus. Javé (Yaho), o Deus da montanha que caminha com o povo, que vê a sua situação de opressão, que ouve seu clamor e o liberta (Ex 3,7), passa agora a ser um Deus do céu (Esd 7,12.21). Um Deus universal, distante, rodeado de seus anjos/servos. Para esta nova configuração da religião judaíta, Javé deve estar no posto mais elevado. E o posto mais elevado conhecido era o posto do rei persa, o rei dos reis, o rei do mundo (Barnea, 2023, 1-37). A inacessibilidade e a invisibilidade são prerrogativas de poder. Por isso, Deus, que agora está no alto, distante, inacessível para o povo, precisa de intermediadores, de anjos, de um sumo-sacerdote, assim como o rei persa. Em outras palavras, o imaginário religioso e político mais importante e poderoso e que impressionava/encantava as lideranças judaicas era o persa. De maneira que é muito compreensível que este

ambiente influenciasse profundamente a formação da teologia judaíta, que neste período estava em construção.

A mudança da função da Torá

Outra grande mudança que o ocorreu na religião de Judá do período pré-exílico para o pós-exílico da Babilônia foi a função da Torá. Antes a Torá era basicamente oral, instrutiva e explicativa. Preceitos que os pais passavam para os filhos, que os sacerdotes explicavam para o povo. Agora ela passa de preceitos instrutivos para lei que deve ser obedecida (Toorn, 2025, p. 193s.). Esta transformação é bem perceptível no livro de Esdras, no qual a Torá (תּוֹרָה), é transformada em lei persa, do aramaico – *Data* – (אָתָּה). Por exemplo, em Esd 7,6 diz: “E ele (Esdras), um escriba versado “na Torá” (תּוֹרָה בְּ) de Moisés...”; e em Esdras 7,12 diz: “Artaxerxes, rei dos reis, para Esdras, o sacerdote escriba da lei – *Data* (אָתָּה) – de Deus do céu”. O mesmo conceito de Torá como *Data* (אָתָּה), lei persa, se repetirá em Esdras 7,21: “E por mim, eu, Artaxerxes, o rei, é dado o decreto a todos os tesoureiros que estão do outro lado do rio que o que pedir Esdras, o sacerdote escriba da lei – *Data* (אָתָּה) – de Deus do céu, atenciosamente será concedido”. Ou seja, a Torá hebraica se torna *Dat*, “lei” aramaica e persa, que pune, como a lei de Artaxerxes. Agora ela é escrita, lida, consultada e executada. Ela se transforma em regras que devem ser cumpridas ou se receberá o castigo prescrito. De maneira que o livro de Esdras pode ser entendido como linha divisória entre a Torá do antes e a Torá do depois (Kleber, 2010, p. 49-75). Será assim, sob a influência persa, que a Septuaginta traduzirá a Torá como lei (*nomos*), transformando-a numa espécie de código legal. De maneira que, ainda que influência no imaginário religioso judaíta tenha acontecido durante o reinado persa, ela se solidificará, de fato, durante o período helenista. Esta compreensão da Torá como *Dat* irá inaugurar uma nova fase na religião de Judá, que será permanente e frutífera (Toorn, 2025, p. 178-210).

Anjos e a corte celestial

Outra mudança grande que irá surgir na religião em Judá no período persa será a presença dos anjos, ausentes na literatura bíblica anterior ao exílio babilônico. Um dos exemplos mais conhecidos é o livro de Jó 1-2. Ali os anjos, denominados como “Filhos de Deus” (Jó, 1,6; 2,1; 38,7), apresentam-se diante de Deus (*Elohim*).³ A Septuaginta irá traduzir esta expressão “Filhos de Deus” por “anjos de Deus”. O curioso é que a apresentação dos “Filhos de Deus” diante de Deus, será como a de uma audiência concedida pelo rei em determinados dias. Ou seja, o referencial da corte celestial é a corte do rei persa (Foroutan, 2015, p. 403-418). A estrutura é a mesma, na qual o rei mantém um grupo de sete conselheiros que intermedeiam as solicitações entre ele e a nobreza. Isto transparece no texto já visto acima, de Esd 7,14, no qual se afirma: Esdras foi enviado a Jerusalém pelo rei e seus sete conselheiros. Esta estrutura do rei persa com os seus sete conselheiros, também está evidente no livro de Ester 1,13-14:

E disse o rei aos sábios que sabiam os tempos, porque assim era o costume do rei, tudo devia ser tratado diante dos que sabiam a lei e o direito. E estava, junto dele: Casená, Setar, Admá, Tarsis, Meres, Marsená e Memucán, sete dos príncipes persas e medos, que viam o rosto do rei e se sentavam nos primeiros lugares do reino.

³ Cf. Sl 29,1; 89,7.

A menção aos sete conselheiros da corte persa também é feita no livro de Xenofontes, "Anábase", 16,4, assim como no livro de Heródoto "História", 3,84.118 (Toorn, 2025, p. 181).

Por sua vez, a transferência da estrutura persa dos sete conselheiros para a corte celeste do imaginário religioso judaíta pode ser observada, por exemplo, no livro de Tobias, 12,15, em que diz: "Eu sou Rafael, um dos sete anjos que estão sempre diante da glória de Javé". Também no Primeiro Livro de Enoc, 81,5, no qual profere: "Estes sete santos me levaram e me colocaram sobre a terra diante do portão de minha casa...". Ainda, no livro do Apocalipse, 8,2, diz: "E vi os sete anjos que estão diante de Deus, em pé, e foram dadas a eles sete trombetas".⁴ Enfim, parece não haver dúvidas de que acontece aqui uma projeção da estrutura da corte persa para a corte celestial do judaísmo.

Toorn ainda defende (2025, p. 179-198), com pertinência, que as diversas divindades cultuadas no contexto pré-exílico agora são reduzidas a um nível inferior. No tempo da monarquia, havia outros Deuses. Javé, no entanto, era visto como o Deus dos Deuses. Ou seja, os outros Deuses eram reconhecidos como Deuses. Agora, no período persa, acontece uma diminuição desses Deuses. Eles passam a ser anjos. Eles mudam de natureza e passam a ocupar a mesma função dos conselheiros/servos do rei persa. Sua função agora será a de intermediação entre as pessoas e nações e entre Deus, que está distante, invisível, inacessível.

Outro elemento marcante é a multiplicação dos anjos, como se verá em Daniel 7,10: "Um rio de fogo fluía e saía diante dele. Mil milhares o serviam". Sua função será a de intermediar entre Deus e o povo. Em Israel, antes do exílio, na monarquia, era comum que as pessoas tivessem acesso ao rei por meio de audiências etc. Agora, no contexto persa, ninguém mais tem acesso ao rei. O povo judaíta nem chega a ver o rei persa. Um rei acessível e visível é sinal de fraqueza (Toorn, 2025, p. 179-198).

O mesmo acontecerá com a comunicação/oração com o Deus do céu. Antes o fiel se comunicava/rezava diretamente com Deus. Vemos isso nas orações, especialmente nos salmos, as pessoas falam, clamam, fazem louvor diretamente com Deus. Agora, não. Será necessário a intermediação dos anjos que irão levar a oração à presença de Deus, como se pode ver, por exemplo, em Tb 12,12: "Quando você e Sara faziam a oração, era eu (Rafael), quem apresentava as súplicas de vocês diante da glória do Senhor e as lia". Não que os anjos sejam uma criação da religião persa, eles já existiam antes. Mas serão eles, os persas, que irão promover este imaginário religioso, que irá florescer dentro do contexto helenista e romano, agenciado por estes últimos.

A importância do fogo como manifestação de Deus

É sabido a importância que o fogo tem nos templos zoroastristas. Por muitos o zoroastrismo é considerado como a religião do fogo. De fato, desde a sua origem, o zoroastrismo está relacionado com o culto ao fogo. Isto pode ser visto nos Avestas e nos quadros/pinturas do início do zoroastrismo, (Shenkar, 2024, p. 379-390), bem como nos templos zoroastristas atualmente, nos quais a presença do fogo é constante.

⁴ Cf. também as visões de Zacarias 1-6 e o Livro dos Jubileus.

Figura 1 – Tumba de Xerxes, Naqsh-i Rustam (Mural de Rustam).
Prova de que os reis aquemênidas adoravam o fogo.



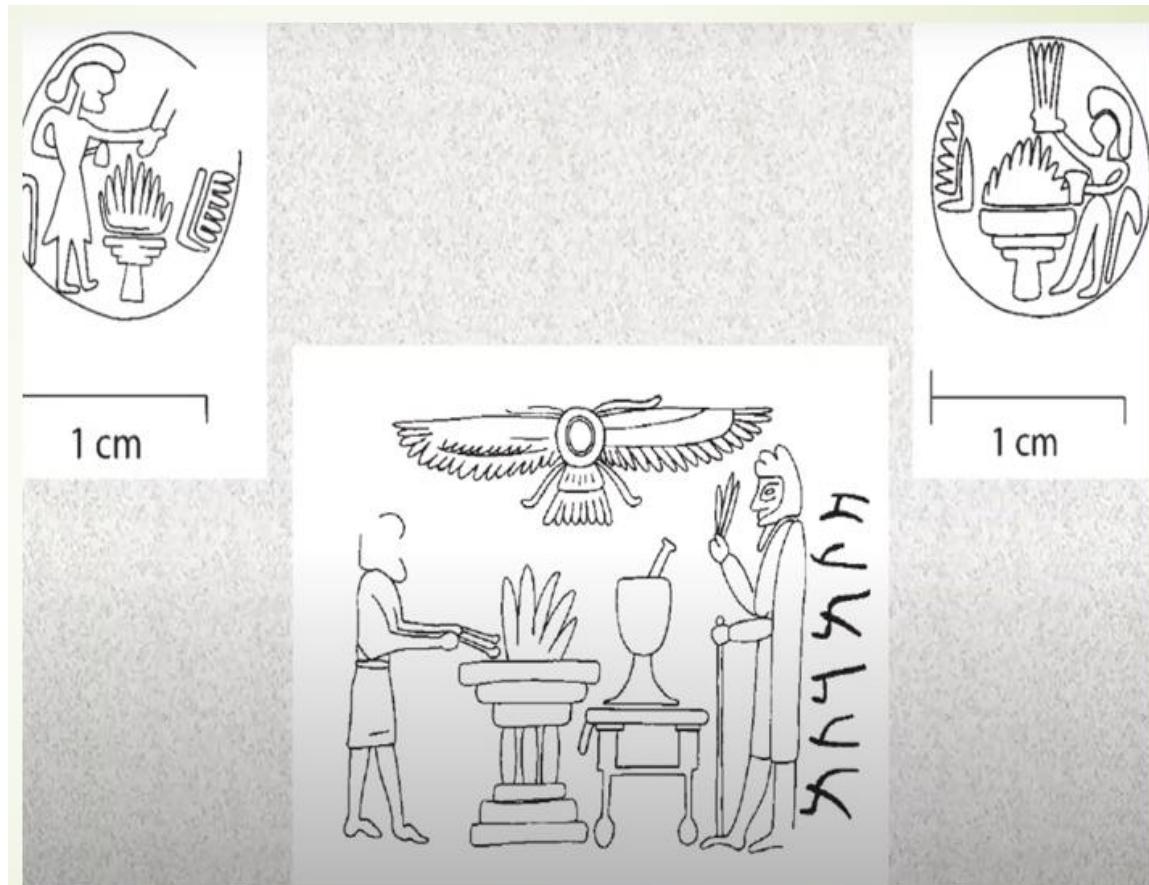
Fonte: Potts (2023, p. 464).

O mais antigo templo escavado com um altar do fogo sagrado foi no oeste do Irã, em Tepe Nush-e Jan, situado em torno do ano 700 AEC. Portanto, um templo anterior aos aquemênidas, mas não muito. Isso parece indicar que o culto ao fogo, enquanto religião oficial, é tardio.

Figura 2 – Altar do fogo sagrado escavado em Tepe Nush-e Jan.

Fonte: Shenkar (2024, p. 379-390).

O formato do altar acima é pequeno, 85 cm de altura, com uma pequena depressão no centro de 7,5 cm de profundidade. Isso demonstra que o fogo ainda não era permanente. Porém, comprova que a veneração do fogo era o centro da liturgia do templo.

Figura 3 – Selos persas.

Fonte: Shenkar (2024, p. 379-390).

Pelos templos escavados mais recentemente no Afeganistão e Uzbequistão, o culto ao fogo não era necessariamente praticado no templo, mas, na maior parte das vezes, a céu aberto, nos lugares altos ou em plataformas artificiais. Neste sentido, a prática parece retroceder para períodos bem mais antigos. O fogo permanente no templo, porém, é mais recente, por volta do ano 700 AEC, como mencionado acima. O que parece provável é que, mais ou menos a partir do século VII ou VI AEC, começa uma prática de se manter o fogo acesso permanentemente dentro do templo, num espaço fechado, similar ao santo dos santos. Quando acontecia o ritual num espaço aberto, ao ar livre, para o sacrifício, o fogo era levado para fora. Quando terminado o ritual, o fogo era levado novamente de volta ao templo (Cantera, 2019, p. 19-61).

Figura 4 – Moeda persa, frente e verso, com a imagem do governante Frataraka Ardasn III, século III AEC, e o altar do fogo



Fonte: Shenkar (2024, p. 379-390).

Enfim, é possível que a importância que o judaísmo passa a atribuir ao fogo em seus ritos dentro do templo, assim como as manifestações de Javé no fogo, tenha influência da religião persa (Kislev, 2024, p. 225-244). Por exemplo: a manifestação de Javé no fogo da sarça (Ex 3,1-6); a presença de Javé na coluna de fogo que acompanhava o povo no deserto durante à noite (Ex 13,21-21); a manifestação de Javé no fogo no monte Horeb (Dt 5,4.19). Também em um dos papiros de Elephantine, situado ao redor de 410 AEC, fala-se do altar de fogo presente no templo de Yaho (Barnea, 2024, p. 1-34)⁵. E, finalmente, por extensão, é possível que esta influência tenha sido herdada também pelo cristianismo (Henriques, 2019). Por exemplo, a manifestação do Espírito Santo em forma de línguas como de fogo sobre os apóstolos no dia de Pentecostes (At 2,3-4); e o fogo novo do círio pascal na liturgia católica etc.

Ciro e o conceito de Messias

Em Isaías 45,1 diz: “Assim diz Javé a seu ungido, a Ciro, o qual tomei pela destra para submeter diante dele as nações e desarmar os reis, para abrir os portões diante dele e não sejam fechados”. Ciro é, portanto, chamado aqui de o messias (מָשִׁיחָ) ou ungido de Javé (cf. Esd 1,1-2). A Septuaginta diz que Ciro é o *Kúrios* de Javé. A Vulgata diz que Ciro é o Cristo de Javé (Panaino, 2024, p. 337-350). Sabe-se da importância de Ciro para a cultura persa e judaica (Wilson, 2024, p. 325-362; Silverman, 2015, p. 419-446), não só no ambiente político, mas também religioso. Ciro foi cultuado tanto em vida quanto após sua morte, como o pai do povo. É possível verificar essa importância de Ciro já no escrito de Dario I em Behistun, onde o rei busca atestar que ele é seu

⁵ Especialmente as páginas 5-7.

descendente. Ciro, assim como os reis aquemênidas, era visto como o rei dos reis, atributo que também passará a Javé, que, para o redator bíblico, estará acima do próprio Ciro, que será seu ungido.

O culto a Ciro sobreviveu na história, como se pode ver ainda atualmente no local, onde seria o seu túmulo, em Pasárgada, no Irã, apesar da proibição do estado iraniano. Permito-me relatar aqui a experiência de uma colega em visita ao local do túmulo de Ciro, que, ao se inclinar para tomar um ângulo melhor para sua foto, foi repreendida pelo guia, pois o movimento poderia ser interpretado como um gesto de adoração.

Ainda que não seja este o nosso foco aqui, é possível associar a concepção de Jesus, como o Cristo, encarnação do poder divino na terra, à Ciro. Ou seja, a influência da religião persa não se deu somente sobre o judaísmo, mas também sobre o cristianismo, especialmente no período bizantino (Shukurov, 2024). Cabe aqui mencionar o sermão do Codex bizantino Taphou 14,⁶ que afirma que Ciro enviou seu sumo-sacerdote para ungir o novo rei do mundo (Jesus), seguir a estrela que orienta a ida à Belém, para encontrar o novo rei. Mas, que antes devia passar por Herodes para que este dissesse onde se encontrava o recém-nascido rei. Também aqui, Herodes procura corromper o enviado de Ciro. É claro que isso não se deve ler ao “pé da letra”, Ciro viveu meio milênio antes de Jesus. Mostra, porém, a relação construída entre Ciro e Jesus. Ambos, Ciro e Jesus, são divinos, ambos são ungidos pelo mesmo sacerdote (Kreahlingmckay, 2003, p. 177-191).

Portanto, por um lado, quando estudamos o Dêutero Isaías, muitas vezes passa desapercebido ou damos pouca relevância à menção que o texto faz a Ciro como o Messias de Javé (Is 45,1). Ou seja, o texto sagrado reconhece a importância que Ciro tinha, já, então, em toda região. Por outro, em especial no ambiente oriental, durante o período bizantino, a associação que se fazia de Jesus a Ciro.

A missão de Esdras e a missão de Udjahorresnet⁷

A missão do sacerdote e escriba Esdras (Esd 7), quanto à sua veracidade histórica, tem sido vista no meio acadêmico com alto grau de desconfiança, inclusive por este pesquisador. Além das incongruências literárias detectadas pela análise exegética dos textos, tanto no livro de Esdras quanto no de Neemias (Kaefer; Xavier, 2019, p. 397-412), a forma como esta missão é descrita, sendo o próprio rei Artaxerxes que envia Esdras a organizar o culto em Jerusalém, dando-lhe plenos poderes para exigir contribuições a todos os tesoureiros da Transeufratênia (Esd 7,11-26), evidentemente são motivos que justificam tais suspeções.

Além disso, no início de nosso texto dizíamos que há um certo consenso entre os pesquisadores de que os persas não intervinham na religião local. Dizíamos também que nem por isso eles deixaram de influenciar a formação do imaginário religioso dos reinos sob seu controle, como foi o caso da Yehud e do judaísmo. Isso parece ser fato (Janzen, 2017, p. 839-856). Pelo visto, os persas não só não intervinham, no sentido de impor sua religião, no caso o zoroastrismo, como apoiavam a organização e estruturação da religião local (Jonker, 2023, p. 180-195; Eskenazi, 2023, 242-256). Entendemos aqui como religião, o culto à divindade ou divindades de cada povo. Esta não era necessariamente uma prática somente persa. Outros impérios que precederam os persas tinham já essa política, como os babilônios e os assírios. Por que esta prática? O principal interesse persa era a estabilidade política e econômica de suas províncias. E se para isso o livre exercício de suas crenças

⁶ O Codex Taphou 14 de Jerusalém é um manuscrito com ilustrações do século XI EC que narra um sermão do século VIII EC envolvendo as múltiplas manifestações de Jesus aos Magos durante a adoração (Cf. KREAHLINGMCKAY, 2003, p. 177).

⁷ Utilizamos como principal fonte todo número publicado pela revista *Journal of Ancient Egyptian Interconnections - Udjahorresnet and His World* - vol. 26, 2020.

ajudasse a evitar rebeliões locais, nada melhor que promovê-lo. Este era um aspecto importante da diplomacia persa para o controle do seu império (Aissaoui, 2020, p. 12-34). É neste particular, parece-nos, que se situa a missão do sacerdote e escriba Esdras, versado na lei de Moisés, que, segundo o livro de Esdras, foi enviado pelos persas para organizar a religião não só em Jerusalém, mas em toda Transeufratênia onde houvesse centros de culto a Javé (Esd 7). Ou seja, os persas utilizavam a prática de culto local para apaziguar as regiões sob seu domínio.

De maneira que é preciso ler o livro de Esdras também sob este viés. Evidentemente que para entender esta lógica, exigia-se dos persas o respeito às divindades dos povos conquistados. Parece que este não era um problema para os persas, pois, acreditava-se de que se os reis promovessem os cultos locais, estas divindades os abençoariam e não seriam amaldiçoados por elas (Toorn, 2025, p. 189-198). Obviamente que para dar veracidade e este argumento implicará no fato de que os persas/aquemênidas não eram tão monoteístas como se supunha. Isso também parece condizer com a realidade, pelo menos é o que se pode ver nas últimas linhas do escrito de Dario I em Behistun, onde ele diz:

“Diz Dario, o rei: isso (é) o que eu fiz num único e mesmo ano; pela vontade de Ahura Mazda, eu fiz; Ahura Mazda me trouxe ajuda, bem como os outros deuses que existem” (Treuk, 2023, p. 26).

Na linha seguinte diz:

“Diz Dario, o rei: por isto Ahura Mazda me trouxe ajuda, bem como os outros deuses que existem: porque não fui desleal, nem fui mentiroso...” (Treuk, 2023, p. 26).

Enfim, pelo menos no início do império, os reis aquemênidas tinham respeito pelas divindades locais e, pelo visto, temiam serem maldiçoados por elas. Evidentemente que para os reis persas, Ahura Mazda, que é citado nada menos que 77 vezes no texto de Behistun, estava acima de todas essas divindades.

Um elemento que corrobora com esta teoria da preocupação persa em promover a religião local em função da manutenção da paz e da ordem é a figura do sacerdote egípcio Udjahorresnet.

Udjahorresnet era um importante sacerdote egípcio da cidade de Sais, no Egito, e que estava a serviço dos reis Cambises II (530-522) e Dario I (522-486).⁸ Em sua autobiografia, inscrita em uma estátua funerária, que se encontra no museu do vaticano, conta que Udjahorresnet fora encarregado por Dario I de uma missão, a de ir ao Egito para purificar o templo de Sais e organizar ali o culto (Bichler, 2020, p. 35-58). Ou seja, colocar ordem na cidade e apaziguar os descontentes. De forma que, fazendo uso da metodologia comparativa, percebe-se haver muita semelhança entre as missões dos dois sacerdotes, Esdras e Udjahorresnet, e num período muito próximo. Isso nos leva a concluir que na pesquisa futura será necessário dar mais veracidade à “duvidosa” missão de Esdras em Jerusalém e arredores.

⁸ “Udjahorresnet was a high-ranking courtier in Egypt under the Saite pharaohs Amasis and Psamtik III, and subsequently under the Persian kings Cambyses and Darius, and subsequently under the Persian kings Cambyses and Darius”. (Colburn, 2020, p. 59)

Figura 5 – Udjahorresnet.

Fonte: Gentileza do museu do Vaticano.⁹

Há ainda outros temas a serem revistos, como é o caso do monoteísmo, que se consolidou durante o período persa (Is 40-55). É bastante provável que também ele tenha sofrido influência da religião e política persa (cf. Blenkinsopp, 2017)¹⁰. Ainda que, após os avanços da pesquisa e de novas descobertas, principalmente na ilha de Elephantina e arredores, parece-nos, que o monoteísmo em Judá durante o período persa e helenista é muito mais bíblico-literário do que de fato. Mas, isso é assunto para um próximo ensaio.

⁹ https://www.museivaticani.va/content/museivaticani/en/collezioni/musei/museo-gregoriano-egizio/sala-i--reperti-epigrafici/_naoforo-vaticano.html#&gid=1&pid=2 (Acessado em 16/06/2025).

¹⁰ Especialmente o capítulo II, “Deutero-Isaiah and the Creator God: Yahweh, Ahuramazda, Marduk” (p. 15-29).

Conclusão

Mostramos acima como a religião/ideologia/política persa influenciou a formação do imaginário religioso judaíta, que resultou no judaísmo, o qual se consolidou no período helenista. Procuramos apontar alguns aspectos, que nos parecem, sobressaem desta influência. O primeiro aspecto é a mudança do conceito de Deus do pré-exílio para o pós-exílio babilônico. De um Deus próximo, que caminha com o seu povo, para um “Deus do céu”, distante e inacessível. Este Deus precisará agora de uma intermediação, que será o papel dos anjos, que ganharão grande relevância na teologia do pós-exílio. Assim como o rei persa, Javé terá agora um conselho de sete anjos, que estará sempre diante de dele e a seu serviço imediato. Ou seja, a corte celestial será inspirada na corte persa. Outro aspecto da influência persa é a mudança da função da Torá. Antes do exílio, a Torá era basicamente um conjunto de instruções utilizada pelos pais para educar os filhos e pelos sacerdotes para orientar o povo. Agora a Torá se tornará também um código de leis, utilizado para julgar e punir, assim como a lei persa. Outro aspecto da influência persa será a importância do fogo como manifestação de Deus. Sabe-se da importância do fogo sagrado na religião persa, que parece só se oficializou como fogo permanente no templo com o regime aquemênida. É plausível que esta prática tenha influenciado a teologia judaíta na concepção da manifestação de Javé e, por extensão, influenciado também o cristianismo. Outro possível elemento de influência persa se encontra na importância de Ciro, o Grande, para o conceito de Messias, tanto no mundo judaico, quanto no cristão. Ou seja, uma relação de proximidade e até de identificação entre Ciro, Davi e Jesus. Por fim, apontamos a similaridade entre a missão do sacerdote egípcio Udjahorresnet, a serviço dos reis persas, e a missão do sacerdote e escriba Esdras. Esta similaridade de ambas as missões é um elemento que corrobora fortemente como comprovação histórica da prática persa de auxiliar a organização da religião local dos reinos sob seu domínio em função da manutenção da “ordem e da paz”.

É possível, ainda, vislumbrar outras influências da religião persa não desenvolvidas aqui, como o monoteísmo, a teologia da criação, o dualismo bem e mal, com possível associação com a ideologia grega, o inferno, o purgatório, Satã etc. Análises futuras acerca dos achados relacionados à religião da diáspora nas comunidades javistas de Elefantina e arredores, Samaria/Monte Gerezim, Masfa/Mizpa (Tell en Nasbeh), Wadi-Daliê, Idumeia, Edom etc. deverão fornecer novos elementos para o avanço deste estudo. O que nos parece seguro dizer ao encerrar este escrito é de que o judaísmo se formou sob a influência do imaginário religioso/político persa/aquemênida. Acreditamos que esta máxima deverá orientar o futuro da pesquisa bíblica do período persa/aquemênida.

Referências

ALBERTZ, Rainer. A History of Israelite Religion in the Old Testament Period. Volume II: *From the Exile to the Maccabees*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1994.

AISSAOUI, Alex Ilari. Diplomacy in ancient times: the figure of Udjahorresnet: an international relations perspective. *Journal of Ancient Egyptian Interconnections*, vol. 26, 2020, p. 12-34.

BARNEA, Gad. Interpretatio Ivdaica in the Achaemenid Period. *Journal of Ancient Judaism*, vol. 14, 2023, p. 1-37.

BARNEA, Gad. *P. Berlin 13464, Yahwism and Achaemenid Zoroastrianism at Elephantine*. London: De Gruyter, 2024, p. 1-34.

BICHLER, Reinhold. Herodotus's perspective on the situation of Egypt in the Persian period from the last Saite kings to Xerxes' first years. *Journal of Ancient Egyptian Interconnections*, vol. 26, 2020, p. 35-58.

BLENKINSOPP, Joseph. *Essays on Judaism in the Pre-Hellenistic Period*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2017.

BOYCE, Mary. A History of Zoroastrianism. Vol. II - *Under the achaemenians*. Leiden/Köln: Brill, 1982.

CANTERA, Alberto. The fire, the greatest god (*atars... mazista yazata*) – The Cult of the “Eternal” Fire in the Rituals in Avestan. *Indo-Iranian Journal*, vol. 62, 2019, p. 19-61.

COLBURN, Henry P. Udjahorresnet the Persian: being an essay on the archaeology of identity. *Journal of Ancient Egyptian Interconnections*, vol. 26, 2020, p. 59-74.

DONNER, Herbert. História de Israel e dos povos vizinhos. Volume 2 – *Da época da divisão do reino até Alexandre Magno*. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 1997.

ESKENAZI, Tamara Cohn. *Ezra - A New Translation with Introduction and Commentary*. London: Anchor Yale Bible, 2023, p. 9-14.

ESKENAZI, Tamara Cohn. The Political Theology of Ezra-Nehemiah. *Journal of Ancient Judaism Supplements*, vol. 35, 2023, p. 242-256.

FOROUTAN, Kiyan. References to Zoroastrian Beliefs and Principles or an Image of the Achaemenid Court in Nehemiah 2:1-10? In: Jason M. Silverman and Caroline Waerzeggers (ed.). *Political memory in and after the Persian empire*. Atlanta: SBL Press, 2015, p. 403-418.

HENKELMAN, Wouter F.M.; Jacobs, Bruno. Roads and Communication. In: Bruno Jacobs and Robert Rollinger (org.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*, vol. I. Hoboken: Wiley Blackwell, 2021, p. 719-736.

HENRIQUES, Ana Cândida Vieira. *Zoroastrismo da Pérsia e catolicismo romano: um estudo comparado entre concepções escatológicas*. Tese de doutorado - Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, 2019.

JANZEN, David. Yahwistic Appropriation of Achaemenid

Ideology and the Function of Nehemiah 9 in Ezra-Nehemiah. *JBL*, vol. 136, no. 4, 2017, p. 839-856.

JONKER, Louis C. Holiness Theology in Chronicles and Ezra-Nehemiah: A Comparison of Their Political Implications. *Journal of Ancient Judaism Supplements*, vol. 35, 2023, p. 180-195.

KAEFER, José Ademar; XAVIER, Suely. O método histórico-crítico e a nova arqueologia: uma análise bíblico-archeológica do contexto histórico do livro de Neemias. *Estudos Teológicos*, vol. 59, n. 2, 2019, p. 397-412.

KISLEV, Itamar. The Cultic Fire in the Priestly Source. In: Gad Barnea/Reinhard G. Kratz (org.). *Yahwism under the Achaemenid Empire*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter GmbH, 2024, p. 225-244.

KLEBER, Kristin. *Datu Sa Sarri. Gesetzgebung in Babilonien unter den Achämeden*. *ZABR*, vol. 16, 2010, p. 49-75.

KREAHLINGMCKAY, Gretchen. Christ's Polymorphism in Jerusalem, Taphou 14: An Examination of Text and Image. In: *Apocrypha 14*. Paris: Prebols, 2003, p. 177-191.

Panaino, Antonio. *Cyrus as Mašiāh or Χριστός*. London: De Gruyter, 2024, p. 337-350.

POTTS, D. T. The Persian Empire under the Achaemenid Dynasty, from Darius I to Darius III. In: Karen Radner (et al.). *The Oxford History of the Ancient Near East*. Vol. V: The Age of Persia. Oxford: Oxford University Press, 2023, p. 417-520.

POTTS, Daniel T. *Geography and Climate*. In: Bruno Jacobs and Robert Rollinger (org.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*, vol. I. Hoboken: Wiley Blackwell, 2021, p. 13-26.

ROSSI, Adriano V. Languages and Script. In: Bruno Jacobs and Robert Rollinger (org.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*, vol. I. Hoboken: Wiley Blackwell, 2021, p. 53-60.

RUSTAM, Shukurov. *Byzantine Ideas of Persia, 650–1461*. London/New York: Routledge, 2024.

SHENKAR, Michael. The 'Eternal Fire', Achaemenid Zoroastrianism and the Origin of the Fire Temples. In: Gad Barnea/Reinhard G. Kratz (org.), *Yahwism under the Achaemenid Empire*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter GmbH, 2024, p. 379-390.

SILVERMAN, Jason M. Prolegomena to an Analysis of the Persian Royal Road as a Social Network in the Southern Levant. In: Lukasz Niesiolowski-Spanò; Kacper Ziembra (eds.). *Contact Zones in the Eastern Mediterranean Judeans and their neighbors in intercultural contexts: places, middlemen, transcultural contacts - sixth to second century BCE*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2024, p. 123-162.

SILVERMAN, Jason M. From Remembering to Expecting the "Messiah": Achaemenid Kingship as (Re)formulating Apocalyptic Expectations of David. In: Jason M. Silverman and Caroline Waerzeggers (ed.). *Political memory in and after the Persian empire*. Atlanta: SBL Press, 2015, p. 419-446.

TAVERNIER, Jan. Peoples and Languages. In: Bruno Jacobs and Robert Rollinger (org.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*, vol. I. Hoboken: Wiley Blackwell, 2021, p. 39-52.

TOORN, Karel van der. *Israelite Religion - From Tribal Beginnings to Scribal Legacy*. New Haven/London: Yale University Press, 2025.

TREUK, Matheus Medeiros de Araujo. A inscrição de Behistun (c. 520 a.C.): tradução do texto Persa Antigo para o Português, introdução crítica e comentários. *Revista de História*, n. 182. São Paulo: USP, 2023, p. 1-35.

WILLIAM, Leonard; CAMPBELL, Thompson R. *The Sculptures and Inscription of Behistun*. London: Oxford University Press, 1907.

WILSON, Ian Douglas. Yahweh's Anointed: Cyrus, Deuteronomy's Law of the King, and Yehudite Identity. In: Jason M. Silverman and Caroline Waerzeggers (ed.). *Political memory in and after the Persian empire*. Atlanta: SBL Press, 2015, p. 325-362).

RECEBIDO: 26/06/2025

RECEIVED: 06/26/2025

APROVADO: 01/09/2025

APPROVED: 09/01/2025

PUBLICADO: 09/12/2025

PUBLISHED: 12/09/2025

Editor responsável: Waldir Souza